

Corpo entre telas: virtualizando no jogo do desejo

Cristina Santaella Braga

Introdução

O contexto pandêmico a que estamos submetidos em confinamento vem exigindo da virtualidade validar, em certa medida, sua instalação presencial. A presença real dos corpos reatualiza um lugar crucial à experiência que propicia camadas de afecção e potência ao sujeito. Entretanto, não há mais dúvida da instalação dos corpos nas telas, mesmo com certo estranhamento, em alguns momentos, por não se conseguir coro nos coletivos virtuais, ecoando uns com outros, em contextos sobre o qual os corpos, inevitavelmente, se veem separados, mesmo que não ausentes.

Trata-se de uma travessia que seria a princípio factível, se não fosse abrupta a contingência de uma brusca (Re)-colocação de ancoras simbólicas que se colocam em suspensão pela entrada do Real que se ocupa também em deletar ganchos imaginários. Tudo indica que o atual cenário tende a nos comprimir, desfalcando as tangíveis constelações semânticas, desestabilizando ações corporais de sustentação, sem guias e nem mapas históricos. Alguns autores apontaram importantes questões para refletirmos sobre os prejuízos dos excessos no virtual, antes de estarmos diante de uma pandemia de proporções devastadoras cujo recurso último do encontro só se faz possível através dele.

Berardi (2017) diz algo substancial relativo à nutrição do sentido humano. Afirmou que algo se perdia quando o digital tomava frente, interrompendo a trama fundamental no interior de uma “relação corporal, física, singular”, dessingularizando-a. A sensibilidade é justamente a capacidade de entender algo que está para além das palavras, aquilo que na voz perfura o corpo numa partitura musical, nos olhos que ninam o corpo preparando-o ao desequilíbrio necessário para movimentar-se. Assim, a geração conectiva que aprendeu mais palavras por meio de uma máquina do que pela voz da mãe, acabou perdendo a capacidade de valorização afetiva da comunicação, vendo -se “obrigada a elaborar os fluxos semióticos em condições de isolamento e de concorrência”.

O autor afirma que o sentido de uma palavra não se aprende de maneira funcional, mas afetiva. Assim, quando “a presença afetiva da mãe se torna rara, o mundo perde calor semiótico e a interpretação vai se tornando mais funcional e frígida. “A voz de um ser humano é a única

forma de garantir de maneira afetiva a consistência semântica do mundo. A rarefação da voz transforma a interpretação num ato puramente econômico, funcional e combinatório”.

Birman (2016), por sua vez, afirma que o aprisionamento no universo da racionalidade científico-tecnológico, nos faz perder a sensibilidade, o contato com a nossa corporeidade. E, quanto mais regulamos a sensibilidade, mais ela reaparece sobre a forma de destruição. “A natureza se insurge contra nós. O corpo se insurge contra a razão”. Nas redes, a linguagem vai dissolvendo as suas características dando lugar às imagens marcadas pelo excesso, interrompendo o desejo de percorrer o seu destino. Assim, as pessoas tornam-se discurso imagético, fixadas no tempo, num retrato datado pelo autorretrato, como uma grande caixa de espelhos, desassociando pensamento ou ideia de um possível enredo temporal narrativo.

O virtual acabou separando a experiência do gozar do corpo do outro e, as fantasias, em vez de se servirem de conectoras dos corpos, acabaram por separá-los, é o que afirma Veras (2020). Para ilustrar esse pensamento, o autor trouxe o exemplo do que vem ocorrendo no Japão em que a pornografia virtual substituiu o encontro presencial sexual dos corpos. Mais de 40% de homens e mulheres ainda não tiveram e não querem ter relações sexuais, o que levará a uma redução de 21% da população em 2050 e, por consequência, uma quebra econômica no país. “O mundo virtual torna-se o universo da demanda, condizente, desse modo, com os tempos de um Outro que não existe” (ibid, 2018, p 251).

Já Chul Han (2017, p. 58) afirma que a complexidade desacelera a velocidade da comunicação e a hipercomunicação anestésica tende a reduzir sua complexidade na medida em que acelera seu compasso comunicacional sem construção de verdade. A transparência vai se inflando de um vazio de sentido. “Não mostrar nada mais do que o mostrar”. Para afastar o vazio, coloca-se em cena um arsenal de informações e imagens, fazendo ressoar ainda mais o vazio. Por aqui poderíamos ficar por muito tempo, porque não faltam argumentos contra as redes sociais. Mas a discussão dos autores aqui selecionados, servirão de suporte para os conceitos que serão discutidos a seguir, como um convite à reflexão de uma inversão da lógica da rede como um fio de resgate da conexão relacional.

Os autores ilustraram a interferência das telas na subjetivação do sujeito contemporâneo, mas, neste momento, sob a ótica inversa, traremos os possíveis benefícios do virtual em tempos de isolamento cujo encontro se faz laço entre telas. As relações tomaram corpo num tempo presente através das *lives*, reuniões, aulas e outros, abandonando, em certa medida, corpos congelados, fixados no tempo num ideal de imagem preso na demanda do olhar do outro.

Mas para discutirmos essas questões acerca da imagem atravessada pelo olhar do outro -- porque, afinal é também disso de que tratam as telas em seu momento de exibição -- faz-se necessário entrarmos em alguns conceitos cruciais sob a ótica psicanalítica, a fim de

entendermos como estes conceitos nos farão compreender que relação é essa que sujeito trava com a imagem ali na tela e a consequência disso.

A constituição subjetiva: formação da imagem corporal

A concepção psicanalítica da construção da imagem do eu permite acompanharmos, a partir disso, os caminhos que levam os sujeitos a se entregarem ou renunciarem à sua imagem refletida nas telas.

Wajntal (2004, p. 15-20), afirma que a mãe se faz presente para o filho, quando é capaz de oferecer o alívio de tensões, proporcionando-lhe prazer. Ao agir a partir de quaisquer manifestações do filho, a mãe constrói gradativamente um repertório psíquico que desencadeará uma organização na vida psíquica do *infans*. Admite-se que, desde o nascimento, o bebê está submetido a uma construção marcada tanto por uma herança biológica, quanto por uma história e por uma temporalidade. Assim, ante uma necessidade, o bebê sente uma excitação, agita-se e chora. A mãe, por sua vez, apresenta-lhe uma resposta que satisfaz essa necessidade. Assim, a ação materna deixará uma marca mnêmica no sistema nervoso do bebê, uma experiência de satisfação

Segundo Braga da Hora (2016, p.148-150), o ego é, antes e acima de tudo, um ego corporal. O ego é uma construção. A noção de autoerotismo, por sua vez, designa um estado original do psiquismo, anterior ao ego e às relações com o objeto, caracterizado pela consciência de qualquer organização do conjunto pulsional. É imprescindível que algo seja acrescentado ao autoerotismo para que o narcisismo se dê, ou seja, o investimento libidinal dos pais no corpo da criança. A consequência desse investimento materno, no corpo do bebê, o leva da fragmentação à construção de um corpo unificado, narcísico. As pulsões autoeróticas são primordiais, estão lá desde o início; portanto, algo tem que se acrescentar ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua. O que se acrescenta ao autoerotismo, para dar forma ao narcisismo, é o eu (*Ich*).

Não há como separar a formação do ego e do psiquismo de sua vinculação ao corpo. Um corpo narcísico que, por ser o alvo investido de libido e erotizado, se constrói a partir da relação intersubjetiva entre o bebê e sua mãe (ou figuras substitutas). Nasio (2009, p. 19-21) nos lembra que, a imagem inconsciente do corpo é caracterizada pelo conjunto das primeiras impressões gravadas no psiquismo infantil através das sensações corporais de um bebê. Essas sensações foram sentidas pela criança antes mesmo de sua aquisição da palavra e antes da sua imagem cartografada no espelho.

Entre 6 e 18 meses, o bebê surpreso, alegre-se ao ver seus contornos refletidos no espelho. Fascinado pela imagem dupla, ou melhor, por seu duplo ali no espelho, a criança sente-se em estado de júbilo. Ainda que seu sistema nervoso e motor estejam em desenvolvimento, a criança tem a ilusão de triunfo e domínio sobre o próprio corpo ainda imaturo. Foi esse reconhecimento lúdico da imagem especular do corpo, ou até mesmo da imagem global percebida pela criança que Lacan conceitualizou justamente como Estádio do Espelho, fonte para o entendimento do que chamou de *registro do Imaginário*. A imagem de seu próprio corpo, refletida no espelho, surpreende o lactente, pois se vê esculpido em uma *Gestalt* que nada mais é do que uma imagem antecipatória da coordenação e integridade que não possui naquele momento.

Assim, a constituição do eu, também inseparável do corpo, se dá na imagem especular. Para ele, “o Outro é aquele que me vê”. Ora, o que temos aí para nos tornar presentes uns para os outros é o nosso corpo. “Se nos esforçarmos por assumir o conteúdo da experiência da criança e por reconstituir o sentido desse momento”,

diremos que esse sentido se dá através do movimento de virada da cabeça, quando a criança ali se volta para o adulto, invocando seu assentimento, e que, ao retornar à imagem, ela parece pedir a quem a carrega, “e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem”. (LACAN, 2005, p. 32, 41, 100).

O estágio do espelho pode ser tido como um jogo entre o ver e ser visto. “Há o olhar do Outro que atesta a visão da criança e há o olhar como objeto. A criança se volta para encontrar no olhar da mãe a confirmação do que ele viu”. Se ficássemos na confirmação do olhar materno da imagem da criança frente ao espelho, a coisa seria mais fácil, pois bastaria um olhar gratificado para dizer da criança a sua imagem. Ocorre que, quando a criança olha para a mãe, pedindo a confirmação do seu reconhecimento frente à sua imagem que se desenha no espelho, ela busca paralelamente se ver através do ponto de vista do Outro, ou seja, ela interroga no olhar do Outro, o que esse Outro quer ver. “O que eu vejo no espelho é o que tu desejas contemplar?” (QUEIROZ, 2007, p. 68-69).

Essa pergunta como destino é aquela que perpassa tantas *selfies* e *likes* encurralando o desejo num lugar de reconhecimento sempre na contramão do que o torna desejante ao desejo do Outro. Uma armadilha, uma vez que “o desejo do Outro real se apresenta como problemático justamente por não obedecer a uma regra estabelecida, a qual permitiria delimitar quais fatores determinam a aproximação ou afastamento desse Outro em relação ao sujeito” (Lustoza, 2006, p. 59).

Entre telas: Um descanso das selfies a uma abertura ao outro

Tendo em vista que, na constituição subjetiva, o que está em jogo perpassa a grande ilusão narcísica de cremos que somos a nossa imagem, abdicamos, em certa medida, dessa experiência em favor da construção de uma imagem ideal para o Outro que, ao final, assinará a silhueta da trama das nossas narrativas.

Há evidências de que, antes da pandemia, as redes sociais serviam de forma maciça de espelhos narcísicos, hiper colonizando imagens, a saber, a tal armadilha sobre a qual o sujeito tornava-se a sua própria ficção, perdendo de vista a direção do seu desejo. Assim, as redes fracassavam em seu propósito comunicacional.

A coação por exposição explora o visível. A seu modo, a superfície brilhante é transparente, não tendo necessidade de sofrer qualquer outro questionamento e não possuindo estrutura hermenêutica profunda. Também a face é um rosto que se tornou transparente, que anela pela otimização do

valor expositivo... Desse modo, a absolutização do valor expositivo se expressa como tirania da visibilidade. (CHUL HAN 2017, p. 34-35)

Ora, desejar é uma experiência que passa necessariamente pela falta. “Como o que ao outro é sempre um X, ofertamos o que julgamos ter de melhor, nossos ideais, para tentar cobrir sua falta” (Veras, 2018, p. 25). O mundo virtual que vinha calando o outro, confinados agora, entre telas, realocou o outro da escuta e da comunicação, mesmo que aos pedaços que se fazem frestas de visão e ecos de voz. A incidência do evento do real do vírus e consigo a sua imprevisibilidade, barrou, em certa medida, um prazer ilimitado, reintroduzindo a presença desejanete entre os corpos na relação com o outro para além dos manejos maquinários.

É inquestionável que a câmera reduz a cena, tornando-a bidimensional, a atmosfera do encontro se perde, levando-o a uma queda de força de estranhamento. Mas, o isolamento pandêmico fez emergir a certeza do lugar do corpo em presença cuja potência encontrava-se anestesiada nas proliferações de selfies e likes. Ora, quando a falta se impõe, a presença se apresenta. Atualmente, a vida entre telas tem demandado um corpo de afetos em presença com o outro que tem suprido um lugar de escuta e acolhimento a distância, para além do congelamento de corpos idealizados e paralisados nas trilhas de um desejo sem direção.

O lugar de isolamento, em tempos insólitos de uma sociedade frágil no que diz respeito às relações interceptadas pelo permanente individualismo, tem nos colocado à prova, no sentido de bifurcar nosso caminho à entrada num lugar, mesmo que ainda tímido, de solitude. Poderíamos pensar esse lugar próximo ao zen budista no Oriente, visando à abertura ao olhar da *vita contemplativa* a partir de Chul Han até sua extensão no universo virtual, repleto de ofertas, mas também de corpos que se tentam presentes, numa perspectiva de abertura para a escuta do vazio ressoante em nós ao outro.

As redes hoje, por serem a única via de encontro acoplada à experiência do horror a que estamos submetidos, possibilita fissuras para a abertura da escuta junto a um trabalho, talvez, não intencional, de uma dissolução inflacionada do eu, na medida em que as fotos-selfies impelidas à ilusão de um ideal que nunca se cumprirá, abriu frentes a outros tipos de reconhecimento ao relançar o desejo a novas experiências nas telas dialogantes.

A experiência do vazio como lugar da falta, mas também da criação e da incerteza pode propiciar, sem o impedimento da inevitável queda do desamparo, uma

ventilação do imaginário não restrito à falsa certeza do amor do Outro virtual que reconhece o eu através de emojis, lacônicas palavras e truncados afetos.

Pandemia: Possibilitadora de um vazio atuante nas relações de aprendizagem

Como nos lembra Chul Han (2019), estamos às voltas com uma sociedade cuja habilidade de diálogo, a outridade e a escuta encontram-se atrofiadas, acompanhadas de sujeitos narcísicos que percebem o entorno a partir das sombras do seu self. A sociedade capitalista absolutiza a sobrevivência, na lógica do mais capital, mais vida. A sociedade do século XXI, desloca-se da disciplina para o desempenho. Não há mais sujeitos da obediência, mas sim do desempenho e produção, transformados em “empresários de si mesmos”, que se autoexploram, gerando um falso sentimento de liberdade, pois não está sendo explorado por ninguém diretamente, a não ser por ele mesmo. O explorador que se explora. Assim, “essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência”. (ibid. 2017, p. 23-24, 30, 107)

A vita contemplativa pressupõe uma pedagogia específica do ver. A meta desse aprendizado seria, segundo Nietzsche, “a cultura distinta”. Aprender a ver significa “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-se-aproximar-se-de-si”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. Esse aprender-a-ver seria “primeira pré-escolarização para o caráter do espírito” (*Geistigkeit*). Temos de aprender a “não reagir imediatamente a um estímulo, mas tomar o controle dos instintos inibitórios, limitativos”. A falta de espírito, falta de cultura repousaria na “incapacidade de oferecer resistência a um estímulo” (CHUL-HAN, 2017, 51-52)

Se retrocedermos a nossa atenção para a escuta do vazio, imprescindível aos tempos atuais, percebe-se que o Ocidente ainda se prende ao discurso das patologias da alma, diferente do Oriente. Lá, relaciona-se ao zen do budismo um movimento de pensamento implantado no Japão nos séculos XII e XIII, cuja característica fundamental é a do ensino direto de mestre ao aluno, da busca por uma iluminação interior, capaz de libertação das ilusões do sensório e dos excessos do racionalismo. Lugar que, para atingir a coincidência espontânea com a essência do ser, exige a prática da meditação, de certas posturas corporais, do trabalho manual e da pobreza voluntária. Vale ainda

notar que “o ensino do zen reside para além das palavras. Para os mestres do zen, atividades como beber, caminhar, praticar tiro com arco tornam-se ritos, isto é, meios capazes de ajudar a encontrar a sua via” (AMORIM, 2007, p. 196). Lacan, em seu primeiro seminário, afirma que:

O mestre interrompe o silêncio por qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé. É assim que procede na busca do sentido um mestre budista, segundo a técnica zen. São os próprios alunos quando os alunos estão a ponto de encontrá-la. Esse ensino é uma recusa de todo sistema. Ele descobre um pensamento em movimento – pronto, no entanto, para o sistema, pois necessariamente apresenta uma face dogmática que deve buscar a resposta às suas próprias questões. (...) O mestre não ensina *ex-cathedra* uma ciência pronta, ele traz a resposta. (LACAN, [1953-1954] 1975, p. 7)

Mas o que podemos tirar da técnica zen nas relações virtuais, especialmente aquelas de ensino, em tempos pandêmicos? A lição do mestre budista é não ensinar “*ex-cathedra* uma ciência já pronta, a resposta aparecerá uma vez que o aprendiz esteja a ponto de encontrá-la. É assim que o mestre conduz seus discípulos pelo percurso que os leva à resposta”. Mas ao estilo de Lacan, esse convite nos conduz ao jogo da decifração. Lacan não é mestre. A técnica zen, afirma ele, possui um limite: o de manter o dogma intacto. O mestre zen já possui a resposta, apenas aguarda, pacientemente, que seu discípulo esteja preparado para ouvi-la. “Que haja desproporção a transmissão” (VOLTOLINI, 2009, p. 6).

Na psicanálise lacaniana e no zen-budismo, existe uma correlação que nos inclina a tomar uma direção desconstrutiva em relação ao sofrimento do sujeito. Não se busca fornecer sentidos para esse sofrimento, mas insiste-se no confronto com o limite do saber, com o sem-sentido da existência e seu vazio para o qual não há outra vazão senão a do silêncio. Para Lacan, a arte também se alimenta desse logos, o do vazio. Há sempre um nada que pulsa, num insinuante insistir em dizer a que veio. Segundo Gonçalves (2012, p. 47), trata-se de um vazio “que concebe, metaforicamente, os mistérios da criação nas mãos do ceramista que envolve o vazio para criar o vaso, evocado desde sempre por quem se aventura a refletir sobre o assunto da criação”. Para o autor, a função do vaso encontra-se no vazio que ele cria, justamente para introduzir a perspectiva de preenchê-lo.

A posição de sabe-tudo migraria para a posição de um sujeito que nada sabe sobre o desejo do outro, posição esta capaz de inventar um caminho possível que levará o aluno à identificação simbólica. Afinal, “um bom mestre é aquele que permite que o discípulo o supere, não tanto no sentido de chegar mais longe que ele, mas de não ver mais nele a medida da condição ideal” (VOLTOLINI, 2011, p. 67).

Aqui chegaríamos ao importante processo dialético de um desejo de reconhecimento, aquele ainda egóico, de ter a imagem amada pelo outro, identificando o desejo a partir da demanda do outro, ao reconhecimento do desejo, capaz de se haver com o vazio, a falta, o limite, estruturante-estruturado a partir da nossa experiência. Não há identidade possível, por mais que as redes virtuais encontrem artifícios para nos convencer do contrário, entre o desejo do sujeito e o desejo do outro. Esse acordo se desfez no momento da primeira e definitiva virada da cabeça do bebê frente a sua imagem refletida no espelho. O desejo não está horizontalizado a um objeto natural, mas sim às fantasias individuais. Entretanto, arriscaria dizer que, nas *lives*, *homeschooling* e cursos, em que as vidas estão menos permeadas por selfies e outros tipos de autoexposições, as relações virtuais estão mais aptas a devolver uma opacidade necessária para obliterar as identificações anuladoras à circulação do desejo.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Fernando de. *As implicações psíquicas da cirurgia estética*. Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro: v.39, pág.195-224, 2007.

BERARDI, Franco. *Ensaio e Textos Libertários*. Entrevista com Franco Berardi, entrevistado por Juan Íñigo Ibáñez. Trad: Inês Castilho e Simone Paz – Publicado em [Outras Palavras](#). Disponível em: <https://arlindenor.com/2017/03/03/9963/>. Acesso em: 01 mar.2020.

BIRMAN, J. *Caos e trauma no mundo contemporâneo*. Palestra Café Filosófico.

Disponível em: <https://youtu.be/WsSO-9L2vqE>. Acesso em: 01 mar.2021.

BRAGA DA HORA, Cristina (Cristina Santaella-Braga). *O real do corpo no flamenco: O duende em ato*. Tese de doutorado em Artes da Cena- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GONÇALVES, Adriana Honorato. *Questões Preliminares sobre Aspectos do Vazio na Arte Contemporânea*. Mestrado em Artes Visuais, Instituto de Artes, UNESP.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
_____. *Sociedade da transparência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
_____. *Topologia da violência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
_____. *O que é o poder?* Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
_____. *Filosofia do zen-budismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
_____. *A salvação do belo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. O Seminário livro 3: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. O Seminário livro 10: *A angústia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

_____. O Seminário livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. O Seminário livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

_____. *O Simbólico, o Imaginário e o Real*. Discurso pronunciado por Lacan em Julho de 1953 na fundação da Societè Française de Psychanalyse. Disponível em: <http://lacan.orgfree.com/lacan/textos/simbolicoimaginarioreal.htm>. Acesso em: 01 maio.2016.

_____. *Teoria do Sujeito. Entre o outro e o Grande Outro*. Apresentação. In: *A Psicanálise depois de Freud*. Disponível em:

<http://lacan.orgfree.com/textosvariados/lacanteoriadosujeito.htm>. Acesso em: 01 jun.2016.

LASNIK, Marie-Christine. *Rumo à fala: três crianças autistas em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

LUSTOZA, Rosane Zétola. “A angústia como sinal do desejo do Outro”. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, n. 1., V. 6., mar. 2006, p. 44-66.

NASIO, Juan-David. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

VERAS, Marcelo. *Selfie, logo existo: posts psicanalíticos (baseados em fatos reais)*. Salvador: Corrupio, 2018.

_____. *Mal Estar no isolamento dos corpos*. Live. Disponível em:

<https://youtu.be/0gC6cGyNzh8>. Acesso em 27 jun.2020.

_____. *Saúde Mental e trabalho remoto em tempos de pandemia*. Live.

Disponível em: <https://youtu.be/uDuuGU6lV94>. Acesso em 13 maio.2020.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Ensino e Transmissão: duas posições na linguagem*. *Educação on-line*, 02.2009a. Disponível em:

http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=36%3Aespecial&id=332%3Aensino-e-transmissao&Itemid=46. Acesso em: 22

set.2013.

VOLTOLINI, Rinaldo. *O saber enganoso e a angústia*. *Educação on-line*, 02.2009b.

Disponível em:

http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=336:o-saber-enganoso-e-a-angustia&catid=36:especial&Itemid=46. 12 páginas. Acesso

em: 22 set.2013.

VOLTOLINI, Rinaldo. *A relação professor-aluno não existe: corpo e imagem, presença e distância*. Revista ETD. *Educação on-line*. 13 páginas. 02.2009c. Disponível em:

http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=338:texto-revista-etd&catid=36:especial&Itemid=46. Acesso em: 22 set.2013.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Pensar é desejar: o conhecimento serve para adaptar uma realidade ao que se quer fazer dela*. *Educação: Especial Freud pensa a educação*, São Paulo, n. 1, p. 36-45.

WAJNTAL, Mira. *Uma clínica da construção do corpo*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2004.
